

**ENCONTROS DAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA HISTÓRIA E
NA EDUCAÇÃO****MEETINGS OF (AUTO)BIOGRAPHIC NARRATIVES IN HISTORY AND
EDUCATION****ENCUENTROS DE NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS EN HISTORIA Y
EDUCACIÓN****Caio Corrêa Derossi**

RESUMO: O artigo de natureza bibliográfica e de abordagem qualitativa, visou propor alguns apontamentos sobre a caracterização das narrativas (auto)biográficas nos campos da História e da Educação, em seus fazeres científicos de produção do conhecimento, observando as particularidades de cada área, seus limites e suas possibilidades. Assim, com base na literatura especializada, pode-se pensar, vislumbrando a importância do sujeito na produção dos saberes e da crítica epistemológica a um entendimento de ciência moderna, que as narrativas constituem objetos e fontes potentes para os professores e pesquisadores de História e da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas (Auto)Biográficas; História; Educação.

ABSTRACT: The article of bibliographic nature and qualitative approach, aimed to propose some notes on the characterization of (auto)biographical narratives in the fields of History and Education, in their scientific practices of knowledge production, observing the particularities of each area, their limits and possibilities. Thus, based on the specialized literature, one can think, envisioning the importance of the subject in the production of knowledge and epistemological criticism to an understanding of modern science, that narratives constitute potent objects and sources for teachers and researchers of History and Education.

KEYWORDS: (Auto)Biographic Narratives; Story; Education.

PALAVRAS INICIAIS

O presente texto propõe alguns apontamentos teóricos acerca de semelhanças e de diferenças do trabalho com as narrativas (auto)biográficas nos campos da História e da Educação. Assim, explora-se como tais produções se estruturaram como objetos e como fontes de análise, destacando os limites e as possibilidades dentro de cada ciência. Isso, encaminha para o reconhecimento das narrativas como forma de produção de saberes e de formação, considerando questões teórico-metodológicas críticas ao modelo moderno, cartesiano de ciências, marcando o sujeito e a subjetividade no processo.

O artigo foi produzido em um momento que se vive ainda as restrições necessárias diante da pandemia, a persistência da doença e de discursos que tentam minorar a importância da vacinação e das medidas de proteção. Nesse mesmo contexto, se presencia ainda o horror da guerra gerada pela invasão da Rússia ao território ucraniano. É nessa situação de barbárie, o texto se impõe como uma ação de resistência e de provocação a pensar nas narrativas e nas suas ausências geradas por esses momentos.

Em termos de organização do texto, excetuando-se as seções inicial e de considerações finais, o artigo é dividido em dois momentos, que discutem mais contidamente os campos da História e da Educação. Assim, em primeiro plano, propõe-se uma localização das narrativas (auto)biográficas na História, marcando algumas tensões com a Literatura e a Educação. Em um segundo momento, frisa-se aspectos teórico-metodológicos próximos da Educação no sentido das narrativas. Logo, o texto balizou considerações significativas para a caracterização das narrativas nas duas áreas do conhecimento, sinalizando potencialidades e limites que extrapolam a pesquisa científica e que atingem a formação e o trabalho docentes.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E O CONHECIMENTO HISTÓRICO

Os textos (auto)biográficos são produzidos na primeira pessoa do singular, marca linguística comumente associada a textos literário, embora desde os anos 1980, áreas como a Educação, a História e a Antropologia, para citar como exemplos, utilizam memoriais, diários e cartas como fonte fecunda (FERREIRA, 2011) e alvo de uma hermenêutica crítica para a construção do conhecimento. Essa virada em termos de consideração de objetos de estudo, pode ser atribuída a uma crise paradigmas estruturalistas para uma virada linguística que evidencia outros sujeitos, contextos e as dinâmicas dos microcosmos, evidenciando o declínio da oposição indivíduo/coletivo (SOUZA, 2004; SILVA, 2015; REGO, 2014; VIEIRA, 2017).

Assim, por marcar profundamente a posição e o local de produção (CERTEAU, 1982) de quem escreve, o texto carrega marcas dos recortes da memória, da subjetividade e da parcialidade que evidenciam as opiniões e posturas do autor ou autora em questão. De alguma maneira, esse tipo de texto causa alguns incômodos nos acadêmicos, que são motivados e treinados para a criação de um *habitus* e de adequação a um campo de estudos (BOURDIEU, 1989) de escrita em terceira pessoa do singular ou primeira pessoa do plural, para pretensamente criar uma atmosfera impessoal, neutra e imparcial.

A questão colocada não se refere apenas a um incômodo da escrita e da leitura em primeira pessoa, mas como profissionais da História, aqui em específico, o nosso *métier*, pressupõe uma análise crítica do que Bourdieu (2006) denominou de ilusão biográfica, na direção de questionar e de problematizar as representações memorialísticas, por exemplo, presentes em histórias que evidenciam uma perspectiva retilínea e contínua do indivíduo. Marca-se portanto, que a biografia não explica tudo e não é linear. Na mesma direção, Gomes (1998) retratou que o trabalho com acervos pessoais, muitas vezes envolve, um feitiço, uma ilusão, um encantamento de verdade, que sinaliza dois pontos: o potencial do uso de arquivos privados para a escrita da História e os cuidados hermenêuticos e de exegese necessários aos arquivos privados.

Então, se em textos de cunhos biográfico, hagiográfico, existe o que Dosse (2009) denominou de possessão do biógrafo pelo biografado, sendo uma questão que se estreita em textos (auto)biográficos já que o escritor e a personagem protagonista estão unidos em uma dinâmica de representar a si mesmo, o que Dosse (2009) asseverou como um problema paradoxal de uma ontologia acerca do exercício metalinguístico existencial do escritor ter como ele mesmo o seu objeto da representação verbal. Assim, mesmo com o necessário cuidado de investigação para refletir os recortes e intenções do texto (auto)biográfico, concorda-se com Levillain (2003) que a biografia é uma forma de expressar os múltiplos sentidos da condição humana.

A escrita de/sobre si, pensando nos limites e nas possibilidades dessas (auto)representações no campo da História, já estão bastantes difundidas na Literatura, uma vez que distintos autores, a níveis nacional e internacional, já nos apresentaram uma série de personagens complexos, contraditórios, atravessados por questões sociais, históricas, econômicas, políticas, verossímeis e fantásticas. Nesse sentido, pode se apropriar da fala do narrador do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que afirma que “ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar [...]” (LISPECTOR, 1995, p. 29), reforçando a centralidade em um sujeito múltiplo em identidades, em incoerências e em composições.

A mesma autora, em outra obra, tratando do amor entre dois educadores, sinaliza ainda que, em meio a toda complexidade, fazemos um movimento de aprender para além do que foi ensinado. Assim, Lori fala para Ulisses “aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar” (LISPECTOR, 1998, p. 157). A autora, em alguma medida, exemplifica também a perspectiva dialógica de comunicação (BAKHTIN, 1999).

Dessa forma, interrogando sobre as afetações das experiências e dos modos como nos expressamos, a poetisa portuguesa Florbela Espanca, no poema *Eu*¹, publicado originalmente em 1931, escreveu o seguinte nas duas primeiras estrofes:

Até agora eu não me conhecia.

Julgava que era Eu e eu não era

Aquela que em meus versos descrevera

Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia

E, mesmo que o soubesse, o não dissera...

Olhos fitos em rútila quimera

Andava atrás de mim... e não me via!

O poema contribui para pensar sobre as representações do que somos, transmitimos e compomos em conjunto com os outros sujeitos e espaços. Bem como, possibilita refletir em explicações e significados das construções de nossos itinerários e da formação de um discurso sobre si que é composto na relação com o diferente. Cumpre ressaltar que trabalhos como de Chalhoub (2003) e Sevckenko (2003) tematizaram relações entre a História e a Literatura, como as aproximações, a exemplo da conjugação de elementos que entendem os caracteres múltiplos dos sujeitos e os distanciamentos, próprios da leitura e da escrita de si e de suas complexidades no espaço acadêmico.

Outras abordagens entre a História e a Literatura ainda são percebidas, em um sentido do uso da História Cultural e do conceito de representação (CHARTIER, 1990), bem como na interpretação radical dos ofícios dos historiadores e dos literatos, bem como o *status quo* científico (WHITE, 1992; LACAPRA, 1983). Para além disso, autores como Bourdieu (2005) e Althusser (1992) já fizeram um exercício de refletir sobre a autoanálise na produção (auto)biográfica e entenderam que existe uma mescla entre parâmetros objetivos, racionais e aspectos inconscientes, singulares que constituem os sujeitos e se afluam, mesmo que de forma não intencional, consciente. Trabalhos como Madélenat (1984), Carino (1999), Schmidt (1996; 2017), Del Priore (2009), Silva (2009; 2017), Clot (2011), Silva (2012) e Butler (2015), para citar alguns autores dentre uma miríade de exemplos, vão flexionar dentro do campo das Ciências Humanas paradigmas biográficos,

¹ A poetisa têm outro poema com o mesmo título, que pode ser consultado em: ESPANCA, Florbela. *Eu*. In: _____. *Sonetos*. Lisboa: Europa-América, s/d. p. 37.

justificativas, legitimações, potencialidades e limites do uso das (auto)biografias para a escrita da História.

Portanto, embora pareça um truísmo, a escrita (auto)biográfica não é unívoca e nem se presta a retratar uma verdade, em um sentido cartesiano ou positivista, mas sim, enfoca um momento de análise de representações, de recortes marcantes, de memórias, que segundo Ricoeur (2007), podem significar experiências vividas ou conhecimentos construídos na atmosfera social, e que ambos são atravessados por seleções, por esquecimentos e pela subjetividade. Logo, essas primeiras impressões, que reendossam considerações já difundidas entre pesquisadores das escritas biográfica e histórica, direcionam para pensar os limites e as possibilidades do uso de tais textos, compreendendo, tal qual como Loriga (1998), que as produções (auto)biográficas são análogas aos corais.

Assim, tanto esses animais marinhos como nossas vidas retratadas, são um amálgama de camadas experienciais e de vivências várias, evidenciando que não se tem um sentido único de compreensão e/ou de análise. Destarte, após as primeiras questões levantadas sobre o tema, o texto seguirá apresentando os principais contextos e fundamentos teórico-metodológicos sobre o uso dos textos (auto)biográficos no campo educacional.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS NO CONHECIMENTO EDUCACIONAL

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem desse vivido e dessa experiência. A narrativa não é, então, apenas o sistema simbólico de que os homens dispõem para exprimir o sentimento de sua existência: o narrativo é o lugar onde a existência humana toma forma, onde ela se elabora e se experimenta sob a forma de uma história. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 40)

A autora da epígrafe que inicia a seção enfoca que as dimensões humanas e das experiências são inerentes a uma condição biográfica, narrativa que atravessa e que compõem os sujeitos juntamente com as dimensões sociais, políticas, históricas e econômicas. A questão biográfica inscrita na vida considera as facetas coletiva e individual dos seres humanos, acompanhando o par indivíduo e sociedade ao longo do tempo, já que a narrativa organiza e media o vivido, as representações e os significados. Dessa forma, quando se opta por propor uma investigação e/ou uma análise narrativa, é imprescindível considerar as produções em primeira pessoa dos sujeitos como uma forma de sistematização e de entendimento de experiências que são formativas.

Em termos teórico-metodológicos, o trabalho narrativo assume uma proximidade com as investigações de abordagem qualitativa e de pressupostos da fenomenologia social, uma vez que entende os contextos, as práticas, as socializações e as significações atribuídas/construídas pelos sujeitos (SCHUTZ, 1979). Assim, é relevante considerar como o mundo sensível que produto/produtor das nossas construções e vivências, representa questões histórica e culturas, porém, sem se esquecer dos elementos singulares que compõem as formas de interpretação, de ação e de compreensão do mundo realizadas pelos sujeitos. Nesse sentido, Schutz (1979, p. 81) avalia que essa “condição biográfica” que marca a posição do sujeito perante o mundo, forma:

um conhecimento de receitas certas para interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas de forma a obter, em cada situação, os melhores resultados possíveis com o mínimo esforço, evitando consequências indesejáveis. A receita funciona, de um lado, como preceito para as ações e, assim, serve como um código de expressão: quem quiser obter certo resultado tem de proceder conforme indicado pela receita dada para tal propósito. De outro lado, a receita serve como um código de interpretação: supõe-se que quem procede de acordo com as indicações de uma determinada receita pretende obter o resultado correspondente. (SCHÜTZ, 1979, p. 81)

Dessa forma, o pensamento de Schutz nos leva a entender que a realidade é construída de forma contínua e em acordo com as significações propostas pelo sujeito, marcando o que Schruder (2006) considera que o foco esteja dentro da perspectiva fenomenológica, a busca pelas compreensões das experiências, em detrimento da apresentação de um fato isolado em si. Logo, para se compreender a realidade, é necessário que se considere como os indivíduos agem, experimentam e interpretam o mundo.

Nessa direção, concordando com Almeida (2021), os elementos subjetivos das narrativas, mesmo que prevaleçam as visões e marcas pessoais do que é retratado, conjuga também elementos culturais e históricos que norteiam o agir e o relatar sobre o mundo. Ratificando esse entendimento, Azevêdo (2011, p. 68) dispôs que em termos dessa correlação entre as narrativas e a fenomenologia,

[...] está em jogo na ação é a capacidade de agir no mundo social a partir da possibilidade de um projeto fundado na livre possibilidade imaginativa do ego. Assim passa-se do imaginar, ou do projetar imaginativo à ação e, desta, ao ato enquanto algo finalizado. O que é relevante aqui é o papel que desempenha no mundo social a capacidade de escolher livremente, numa atividade voluntária dos sujeitos sociais. Esta capacidade/possibilidade se faz real pela “significação” que ela venha a ter para o ator: ação no mundo onde os objetos, as coisas, o próprio mundo está à sua mão, sendo dados por antecipação.

Por isso, a dimensão fenomenológica que possibilita refletir sobre/com as narrativas, interessa-se principalmente sobre a interpretação dos sujeitos sobre a

experiência, que em relação ao fato em si. O narrado é um recorte interessado de determinado acontecimento, enfocando as lembranças e o jogo de temporalidades envolvido nessa sistematização, que conforme Schruder (2006, p. 15) essa interpretação da experiência envolve que "o presente cresce do passado e já antecipa o futuro".

Assim, a ação e a interpretação do vivido constitui a experiência que é forjada a partir a partir das lembranças, interesses e contextos que (co)formam os sujeitos (SCHUTZ, 1979). Desse modo, os sentidos e as compreensões que formam as experiências, são importantes para refletir sobre as ações e narrativas dos sujeitos, uma vez que, para Azevêdo (2011, p. 69) é

pela capacidade de fantasiar, imaginar é dado ao ator a possibilidade de que venha a escolher de uma forma corrente certos atos que joga para o futuro que decidirá de sua realização perfeita, podendo o ator recuar na sua decisão e retomar todo o processo de escolha no tempo interior e recuperar aquilo que orientado pelos seus interesses imediatos. À medida em que projeta o ator reflete em termos de autoconsciência e assim é capaz de julgar das possibilidades de êxito daquilo em que empenha, do seu empreendimento como um todo e nisso, mais uma vez, reside sua liberdade.

Logo, a realidade nessa perspectiva, é construída e significada ativamente pelo sujeito, marcando portanto que, as transformações dos indivíduos, implicam nas mudanças acerca da compreensão e da construção do mundo. Por isso, as narrativas não se ocupam de buscar uma verdade absoluta, mas sim, como os sujeitos constroem e se apropriam das experiências, não as apartando das subjetividades, dos espaços, dos tempos, da história, da cultura e da sociedade.

Assim, a proposição de pesquisar com/sobre as narrativas, considera os elementos da historicidade e da subjetividade dos sujeitos e das produções, entendendo que o conhecimento é dinâmico e se sistematiza a partir das interações e dos entendimentos dos indivíduos e das sociedades. Nessa direção, as narrativas possuem um lugar repleto de potencialidades já que materializam um permanente exercício de significação da vida e do vivido, já que colocam à ribalta, o processo de compreender a interpretação das trajetórias e das memórias.

Desse modo, entendendo as pesquisas narrativas e (auto)biográficas a partir das lentes da fenomenologia social, a produção e a interpretação das experiências, obtidas a partir das vozes e das escritas dos sujeitos, mobilizam como as memórias e as sociabilidades são tencionadas nos desafios e nas possibilidades do acesso e da compreensão do vivido (BAUER; GASKELL, 2015; FLICK, 2009a; 2009b; 2004; DENZIN; LINCOLN, 2006). Por isso, Weller e Zardo (2013, p. 133) apontam que a junção dos pressupostos narrativos e fenomenológicos se encontram no “ato de

rememorar e a narração da experiência vivenciada de forma sequencial permitem acessar as perspectivas particulares de sujeitos de forma natural”.

Destarte, considerando as disposições das premissas fenomenológicas e entendendo que a produção dessas experiências são expressas pelas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015), o texto vai discorrer, a partir de então, dos elementos próprios dos estudos narrativos e (auto)biográficos. Isso é feito vislumbrando as relações de biografização (PASSEGI; SOUZA. VICENTINI, 2011) que marcam os componentes de sentido da vida, dado pelos sujeitos, pelos contextos e pelas temporalidades. Logo, assume-se como Silva (2020, p. 2) que as reflexões dos sujeitos podem construir "novas relações e sentidos que fazem emergir o valor das experiências", revelando o que Santos (2016, p. 359) evidencia como um território rico que "se (re)produzem percepções, afetos e intensidades de resistência e emancipação. São falas e gestos de silêncio, serenidade, excitação, reticências, interrogações, constatações rascunhadas – provisórias que são – pelo desejo e pela sapiência da vida vivida".

Posto isso, em uma dimensão histórica, Santos Neto (2001) e Ferreira (2014) apontam que o uso de narrativas (auto)biográficas no campo educacional data das décadas finais do século XIX na Alemanha, e se consolida nas Ciências Humanas e Sociais, com a possibilidade do uso de textos em primeira pessoa, que já compunham um coletivo de fontes para análise, como: diários, memórias, relatos de viagem, crônicas, entre outros. Mas, marcadamente no início do século XX, na Escola Sociológica e Antropológica de Chicago, que os relatos próprios em primeira pessoa integram de forma substantiva as pesquisas.

Embora as contribuições, as narrativas ficam à margem das produções históricas, nas quais podem ser atribuídas como razão uma preponderância de paradigmas estruturalistas, bem como uma perspectiva negativa do uso de textos (auto)biográficos, em função de uma leitura equivocada que tais fontes poderiam ser apropriadas em um sentido positivista de análise. Mas, no final dos anos de 1970 e início da década de 1980, as narrativas são retomadas nos estudos em contexto europeu, principalmente na França, em uma época que se tem a emergência de outros paradigmas científicos, e a retomada de tais fontes, e de algumas áreas, como a História Política (RÉMOND, 2003), outrora criticadas por visões equivocadas do fazer histórico positivista. Portanto, nas décadas subsequentes, as narrativas continuam em franca ascensão.

Cumprе ressaltar que autores como Ferrarotti (2010) tratou do uso das narrativas diante dos pressupostos de neutralidade e de imparcialidade nas Ciências Sociais,

indicando uma necessidade de renovação teórico-metodológica, evidenciando que uso de narrativas compõem um aparato técnico consolidado e autônomo. No mesmo sentido, Finger (2010) entendeu que a integração das narrativas como uma adesão de elementos subjetivos nas pesquisas sociais, significaram a exploração desses textos como instrumentos de investigação e de formação, que a partir dos anos 1980, são amplamente utilizados para a refletir sobre a formação docente.

Queiroz (1988) ainda enfatizou que existem distinções entre as histórias de vida e a história oral, uma vez que ambas possuem itinerários metodológicos específicos e que, com relação as narrativas (auto)biográficas, elas se ocupam de recompor experiências e vivências em um prisma do sujeito. Desse modo, como supracitado, no Brasil a partir das décadas de 1990 e 2000, ocorre uma expansão dos estudos narrativos nos programas de pós-graduação em educação, bem como o organização de eventos, a exemplo do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) (PASSEGI; SOUZA; VICENTINI, 2011). Para corroborar com a afirmação do crescimento de investigações que se baseiam no aparato (auto)biográfico, narrativo, pesquisas do tipo estado da arte, promovido por Bueno e colaboradores (2006) e Stephanou (2008) evidenciaram uma evolução numérica crescente em teses e dissertações.

Nesse sentido, as narrativas congregam contextos, visões subjetivas, relações com o outro e com o espaço, bem como reflexões e aprendizados de quem narra. Sendo o último aspecto, focado nas pesquisas em educação, uma vez que, são as aprendizagens que modelam as linguagens e possibilitam ao fim, analisar as narrativas no sentido da transformação e da sistematização orientada pelo sujeito (DELORY-MOMBERGER, 2008). Portanto, pensando que a narrativa é produzida de acordo com a organização que a história de vida é disposta, a narração permite que se entenda aspectos singulares e sociais retratados, das conexões temporais e das memórias e recortes preconizados pelos sujeitos (DELORY-MOMBERGER, 2006). Em complemento, vale ressaltar utilizando as considerações de Bássalo e colaboradores (2019, p. 228) que as experiências possuem caráter “marcadamente pessoais e intransferíveis, produzidas na história de vida e experiência dos sujeitos, num determinado contexto e com caráter intersubjetivo. Estes elementos, associados, delineiam a situação biográfica dos indivíduos”.

Nessa direção, o texto vem apontando como as histórias narradas desvelam como são constituídos os processos formativos dos sujeitos, bem como a vida e as experiências são reconstruídas. Por isso, Souza (2006, p. 16) dispôs que:

A construção e o conhecimento de si propiciados pela narrativa inscreve-se como um processo de formação porque remete o sujeito numa pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência, frente à análise de seus percursos de vida e de formação.

Pensando nessas relações temporais entre o passado, o presente e o futuro, dispostos a formar conexões nas narrativas, Pineau (2003) destacou que a articulação entre os diferentes tempos, pode ser considerada uma marca permanente de formação, já que coaduna reflexões, memórias e experiências afuniladas em uma só história. No mesmo sentido, Bertaux (2010) entendeu que ocorreu um movimento de diacronia nas narrativas, já que, elas dão conta das práticas sociais e contextos históricos que explicitam que as experiências possuem um lastro com a sociedade que as coproduzem.

Assim, o uso das narrativas nas pesquisas em humanidade cancelaram a importância de se considerar aspectos subjetivos nas investigações, questionar paradigmas considerados positivistas na condução dos estudos, bem como reconhecer que os textos narrativos podem ser objetos de produções científicas, e instrumento de formação, já que se pode aprender com as experiências compartilhadas pelos sujeitos, localizadas com relação a um tempo, a um contexto, a sujeitos variados, entre outros fatores (CUNHA, 1997). Portanto, as narrativas podem ser lentes teórico-metodológicas de análise em pesquisas qualitativas, bem como ser sujeitas de compreensão, e ter um potencial de formação se objetiva refletir sobre as condições e constituições das experiências e vivências.

Abrahão (2006) complementa que as narrativas podem ser entendidas como fenômeno, metodologia de pesquisa e processo formativo, já que conjuga o ato da narração, o tipo de investigação e as dinâmicas de reflexão sobre o vivido. Então, a socialização de práticas, entendimentos, memórias e escolhas socializados pelas narrativas, configuram o reconhecimento de aspectos singulares e sociais nas pesquisas, bem como um instrumento de capacidade formativa, pensando em que Moraes (2004, p.170) atribui que

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma atitude reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite, a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso, compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e re-aprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa, permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido ou lugar) com aquela narrada (e/ou com outras).

Logo, o uso das narrativas, das histórias de vida e dos textos (auto)biográficos se constituem em uma continuidade da revisão do processo do fazer científico, bem como

logram em uma posição de protagonista o sujeito que compartilha sua história, repleta de elementos singulares, sociais, políticos, históricos e temporais, permitindo também com que se aprenda, se forme, a partir da reflexão do narrado. Sobre isso, Arendt (2016) entende que para se falar sobre o seu mundo, é preciso partir de um cenário já construído, repleto de outros fatores.

Destarte, é no convite e na produção dos territórios e representações que criamos e participamos, faz com que os caminhos da experiência reverberem na produção de pesquisa e de formação (OLIVEIRA, 2006). Gallo (2012, p. 12) complementa que o professor diante das significações da vida e da experiência, precisa ter “a coragem de ensinar como quem lança sementes ao vento, com a esperança dos encontros que possam produzir, das diferenças que possam nos fazer vingar, nos encantando com as múltiplas criações que podem ser produzidas a partir delas”. Logo, como o autor, utilizando uma metáfora que remete quase ao trabalho de um semeador, destaca-se que o contato com a alteridade que fomenta uma formação holística e diversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto propôs em pensar alguns pontos de toque entre a História e a Educação, compartilhando a partir das narrativas (auto)biográficas, possibilidades teórico-metodológicas para a construção do conhecimento. Assim, mesmo diante das particularidades de cada área do conhecimento e as distintas lentes teóricas que balizam a construção dos saberes, almejou, dentro de uma perspectiva ativa de aprendizagem e de ensino, reconhecer os sujeitos e as suas histórias, a exemplo de professores e de alunos, como produtos/produtores da História e de conhecimentos.

Dessa forma, concorda-se com Loponte (2013, p. 36) que não se pode conceber que o sujeito seja “[...] estável, essencialista, passível de ser emancipado e nem de uma formação cuja finalidade esteja predefinida ou com um ponto de chegada preestabelecido”. Dito isso, a subjetividade possui um papel importante, tanto para a significação, a escuta e as experiências humanas, como para o fazer docente que encaminha para a atuação do professor “como um artesão [que] usa o seu repertório de saberes, construídos na trajetória profissional, carregado de significados e oriundos das situações vividas e suas intensidades” (OLIVEIRA; SALES; SILVA, 2017, p. 10).

Loponte (2013, p. 36) ainda dispõe que ao

Assumirmos as incertezas e a nossa descrença sobre as verdades únicas não indica diferente do que se possa parecer a algum leitor desatento, eximir-nos do compromisso e da responsabilidade de pensar e problematizar modos de constituir à docência e buscar modos mais abertos e flexíveis – mais artistas – diante da tarefa cada vez mais complexa que é educar em tempos contemporâneos.

Nesse sentido, é preciso assumir que o encontro e o diálogo mobilizam a interpretação do vivido e a formação contínua que reverbera nas práticas docentes (MACHADO; FERNANDES, 2013). Por isso, Mossi (2020, p. 3) assevera que pensar as experiências e o encontro com as diferenças, mobilizam os exercícios e de aprender e de se formar, já que:

Significa que tenho pensado à docência não do ponto de vista mais tradicional, o qual pressupõe o docente como alguém que “sabe” – e porque sabe, ensina – mas sim como alguém que, operando com disparadores os mais diversos – sobretudo os corporificados via palavras escritas/lidas e imagens -, é capaz de propor percursos formativos deixando-se afetar pelo que encontra em meio ao caminho e, em seu exercício profissional, cria trajetórias pedagógicas enquanto partilha das experiências diversas.

Destarte, a citação encaminha para como que os elementos de subjetividade e de histórias de vida são inerentes na composição do ser humano, bem como são objetos e fontes para a construção dos conhecimentos histórico e pedagógico. Assim, reconhecendo as particularidades, o texto propôs alguns cruzamentos possíveis entre saberes e formas de se produzir ciência.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006, p.149-170.

ALMEIDA, E. N. de. **Corpos-vida marcados: memórias autobiográficas das práticas socioeducativas de mulheres ribeirinhas escalpeladas da Amazônia**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Pará, 231f, 2021.

ALTHUSSER, L. **O futuro dura muito tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

AZEVÊDO, E. A. de. O mundo da vida e a ação, em Alfred Schütz. **Problemata - Rev. Int. de Filosofia**. v. 02. n. 01, 2011, p 54-74.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud et al. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

- BASSALO, L. de M. B. *et al.* A fenomenologia social e a investigação qualitativa da educação: reflexões iniciais. In: PIMENTEL, A.; MALCHER, N. (org.) **Diálogos Interdisciplinares em Saúde**. Belém: UFPA / IFCH / PPGP / NUFEN, 2019. p. 217 - 240.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13^a. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015, p. 90-113.
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante; Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, P. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO J. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-192.
- BUENO, B. O. *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, v. 32, nº 2, p. 385-410, 2006.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XX, n. 67, p. 153-181, ago. 1999.
- CERTEAU, M. de. A operação historiográfica. In:_____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 65-119.
- CHALHOUB, S. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, R. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CLOT, Y. La outra ilusion biográfica. **Acta Sociológica**, n. 56, p. 129-134, septiembre – diciembre, 2011.
- CUNHA, M. I. da. Conte-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1/2. jan./dez., 1997, p. 185-195.
- DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Topoi**, v.10, n.19, 2009, p. 7-16.
- DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, v.32, n.2. São Paulo, maio/ago, 2006, p. 359-371.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

ESPANCA, F. Eu. In: _____. **Charneca em flor**. Rio de Janeiro: Editora Batel, 2009. p. 30.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.

FERREIRA, A. C. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p.61-91.

FERREIRA, L. G. **Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, 272f, 2014.

FINGER, M. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 119-128.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender... **Anais do Congresso de Educação básica: aprendizagem e currículo**. São Paulo, v.1, n.1, p. 1-10, 2012.

GOMES, A. M. de C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015, p. 90-113.

LACAPRA, D. **Rethinking History: Texts, Contexts Language**, Nova York: Ithaca, 1983.

LEVILLAIN, P. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, R. (Org). **Por uma história política**. 2 ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 29.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 157.

LOPONTE, L. G. Da arte docência e inquietações contemporâneas para a pesquisa em educação. **Revista Teias**, v. 14, n. 31, p. 12-36, 2013.

- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MACHADO, C.; FERNANDES, C. H. Saberes docentes em ruptura: uma análise das concepções sobre a docência de professores em formação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 2, p. 421-438, 2013.
- MADÉLENAT, D. **La biographie**. Paris: PUF, 1984.
- MORAES, A. A. de A. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. **Pro-Posições**, v. 15, n. 2 (44), maio/ago. 2004.p.165-173.
- MOSSI, C. P. Povoamentos e resistências entre docência e criação no ensino das artes. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-15, 2020.
- OLIVEIRA, V. F. Implicar-se... Implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação. In: SOUZA, E. C. de. (Org.). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 47-57.
- OLIVEIRA, R.; SALES, M.; SILVA, A. Professor por acaso? A docência nos Institutos Federais. **Revista Profissão Docente**, v.17, n. 37, p. 5-16, ago./dez., 2020.
- PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 27, n. 01, abril, 2011. p. 369-386.
- PINEAU, G. **Temporalidades da formação: rumo a novos sincronizadores**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom. 2003.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, O. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.
- REGO, T. C. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, nº 58. jul.-set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n58/13.pdf>>. Acesso em: março de 2022.
- RÉMOND, R. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RICOEUR, P. **Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SANTOS, D. M. R. dos. Territórios existenciais e narrativas de trajetórias escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 02, p. 356-369, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2668>. Acesso em: março de 2022.
- SANTOS NETO, E. dos. Vida de educadores: contexto de uma nova emergência, relato de uma aproximação e fundamentação para seu uso na formação de professores e na investigação. **Educação e Linguagem**. Edição Especial. Jan/dez., 2001. p. 17-44.
- SCHMIDT, B. B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. N. 6 (dez. 1996), p. 165-192.

SCHMIDT, B. B. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. **Diálogos**, v. 21 n. 2, p. 44-49, 2017.

SCHRÜDER, U. O conceito sócio-filosófico de Alfredo Schütz e suas implicações epistemológicas para o campo da Comunicação. **Significação - Revista de cultura audiovisual**, v. 33, n. 23, p. 09-24, 2006.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, F. O. da. Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2012960, p. 1-15, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: março de 2022.

SILVA, W. C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

SILVA, W. C. L. Brilho etéreo de arquivos e lembranças: algumas questões sobre arquivos pessoais e biografias. **Diálogos**, v. 21 n. 2, p. 32-43, 2017.

SILVA, S. C. O historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. **História imagens e narrativas**. n. 14. Jan./abr., p. 1-14. 2012.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 344f. 2004.

SOUZA, E C. de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b. p. 135-147.

STEPHANOU, M. Introdução. Jogo de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In: SOUZA, E. C. de; PASSEGGI, M. da C. (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p.19-53.

VIEIRA, C. E. Memorial acadêmico para Professor Titular - Exercício de escrita de si: uma trajetória intelectual no âmbito do ensino e da pesquisa em história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 291-312, jan./mar. 2017.

WELLER, W.; ZARDO, S. P. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 131-143, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p131-143>. Acesso em: março de 2022.

WHITE, H. **A Meta-História**. São Paulo: EDUSP, 1992.